

AJANews 80 - Maio de 2009

África do Sul: AIDS, Ancestors and Salvation

RDC: Necessidade urgente de conhecimentos médicos especializados

Quênia: Não é o fim de tudo

A Beata Anuarite Nengapeta era uma jovem Irmã da Sagrada Família de Kisangani. Trabalhava como professora em Wamba. Foi assassinada ao resistir ao assédio sexual de um líder da rebelião de 1964, no Congo. São Luís Gonzaga era um jovem Jesuíta que desprendidamente entregou a sua vida cuidando das vítimas da devastadora peste de 1591, em Roma. Confiamos a Rede Jesuíta Africana contra a SIDA à sua oração e protecção.

ÁFRICA DO SUL: AIDS, ANCESTORS AND SALVATION

Este livro alargou-me o pensamento e a imaginação e desafiou-me a reconhecer as diferentes fontes daquilo que pode constituir uma dádiva de vida nesta pandemia do HIV. Felicito e agradeço ao Padre Peter Knox por ter aberto mais caminhos e perspectivas mais alargadas, relativamente ao modo como podemos viver a nossa vocação de propiciar uma salvação global no contexto da pandemia. D. Kevin Dowling CSsR, Bispo de Rustenburg

AIDS, Ancestors and Salvation (SIDA, Antepassados e Salvação), da autoria do Padre Peter Knox SJ, foi publicado pelas Paulines Publications Africa e lançado em Joanesburgo a 29 de Janeiro de 2009. Este último complemento aos textos patrocinados pela AJAN explora as ligações entre a SIDA, a Igreja Católica e a importante tradição africana do culto dos antepassados. O livro é fruto da tese de doutoramento do Padre Peter, à qual foi atribuída a prestigiosa Medalha do Governador-Geral no Canadá. O Padre Peter é membro do Jesuit Institute - South Africa (JISA, Instituto Jesuíta - África do Sul) e ensina teologia no Seminário de S. João Vianney, na Universidade de Santo Agostinho e na Arquidiocese de Joanesburgo.

Para mim, o que torna este livro especial é a forma como destaca um enriquecimento pessoal mútuo, através de um encontro pessoal com diferentes culturas, disse o Bispo Dowling, orador convidado para o lançamento. Isto é algo que ganha vida, quando descobrimos e compreendemos a riqueza de tudo aquilo que o culto dos antepassados e a tradição cristã têm para oferecer, para se conseguir "curar esta doença" nas pessoas mais vulneráveis e marginalizadas da nossa sociedade.

A reconciliação e a cura, oferecidas por ambas as tradições, são imensamente necessárias para contrariar a rejeição total que, demasiadas vezes, atinge os infectados. O HIV-SIDA, no nosso contexto cultural, provoca não só a morte física, como também um "morrer" social cada vez mais profundo, que pode ser tão destrutivo para a pessoa humana - o estigma, o medo, a exclusão e a marginalização por parte da comunidade e da sociedade, quando acontecem, são realmente um "morrer" e uma "morte", continuou o Bispo Dowling.

Após vários anos de apostolado pessoal junto dos que vivem e morrem com as doenças

relacionadas com a SIDA, gostaria de reafirmar uma tese básica contida no livro do Padre Knox, que é profundamente verdadeira para mim, nomeadamente, que nos compete permitir que quantos estão infectados e afectados "encontrem uma identidade renovada e uma pertença num mundo marcado pelo desalento resultante da anomia, que provoca que os infectados fiquem cada vez mais alienados das suas aldeias, da família, da tribo e da comunidade".

O lançamento em Janeiro, que contou com uma numerosa assistência e foi organizado pela AJAN e pelo JISA, teve lugar no salão da Igreja da Santíssima Trindade, em Braamfontein. *Os lançamentos de livros são ocasiões sociais, e este foi exemplar. O acontecimento reuniu uma grande variedade de participantes locais, incluindo antigos alunos do Padre Peter, paroquianos, profissionais da saúde, familiares e amigos, incluindo amigos judeus, e colegas padres e religiosos, como relatou o Padre Chris Chatteris, SJ. No lançamento, foram vendidos 90 exemplares do livro, para serem autografados pelo autor.*

Chegaram pedidos dos EUA, de um padre que trabalha com a população Maori, na Nova Zelândia, e até de círculos médicos. *Fico muito contente por saber que o livro está a ter um bom acolhimento. Tem havido uma concentração tão grande na intervenção médica e na prevenção que, se o meu livro ajudar algumas pessoas a apreciarem as dimensões sociais e religiosas da pandemia, ficarei muito satisfeito,* disse o Padre Peter.

Foram publicadas resenhas sobre o livro *AIDS, Ancestors and Salvation* no *The Challenge* da Zâmbia pelo Padre Clive Dillon-Malone SJ, no *Trefoil* of South Africa por Ricus Dullaert e pelo Padre Tim Curtis SJ (www.jesuitmissions.org.uk) na Grã-Bretanha. Se estiver interessado no livro, por favor escreva para books@jesuitaids.net

RDC: NECESSIDADE URGENTE DE CONHECIMENTOS MÉDICOS ESPECIALIZADOS

Ismaël Matambura SJ, Coordenador do Parlons-SIDA

Em Outubro último, a recepcionista do *Parlons-SIDA* anunciou que havia uma pessoa que tinha sido encaminhada para receber aconselhamento e tratamento médico. Quando entrou no meu gabinete, fiquei logo impressionado, porque os olhos dele estavam de tal maneira afectados que não conseguia ver quem estava à frente dele nem abri-los sequer durante cinco segundos.

Este homem de 35 anos é vendedor ambulante. Trabalhava ao longo do Rio Congo, entre as províncias de Kisangani e Congo Equador. Durante a sua estadia em Kisangani, adoeceu e tentou tratar-se, mas sem sucesso. Como estava a piorar e a perder peso, um vizinho aconselhou-o a *ir fazer também o teste do HIV*. Ele contou: *O resultado da análise foi positivo e no dia seguinte fizeram-me uma contagem das CD4 e verificou-se que eu já necessitava de tomar ARV's. Ah! Agora sou uma pessoa a viver com o HIV! Sou casado e pai de uma bebé com menos de um ano de idade. O meu grande problema agora é a visão! Como é que vou ganhar a vida? Sou motorista de profissão, e é assim que consigo ganhar dinheiro, mas agora deixei de ver. A minha mulher vive na vizinha província do Equador e não sabe da minha situação. Ah! Se ao menos ela também fosse testada. Mas não encontro ninguém que lhe leve uma mensagem e eu não posso lá ir. Alguém tem de fazer tudo por mim. Penso tanto na minha bebé, mas como é que poderei vê-la de novo neste estado?*

O problema surgiu no segundo mês do tratamento com anti-retrovirais. Os médicos descobriram que o HIV por vezes ataca o nervo óptico. E pelos vistos foi o que aconteceu a este homem e a sua situação vai de mal a pior. Encaminhei-o para um centro protestante que havia na cidade e que era conhecido para o tratamento dos olhos e, dois meses mais tarde, ele voltou, dizendo-me que não tinha havido melhoras. Ambos os olhos estão afectados com a mesma gravidade.

Os médicos dele parecem vencidos. O que pode ser feito? Se alguém tiver ideias que possam ajudar o nosso doente, essas sugestões serão muito bem-vindas.

Se tiver uma sugestão, por favor contacte Ismaél Matambura SJ em ajanews@jesuitaids.net

QUÉNIA: NÃO É O FIM DE TUDO

A mãe do Mark, um queniano de vinte e dois anos de idade, morreu com SIDA quando ele tinha 17 anos. A vida tem sido difícil para o jovem e para os seus irmãos, mas vão-se aguentando. Mark partilha a história da família.

Os meus pais separaram-se quando eu tinha menos de um ano de idade. Depois disso, os meus irmãos, a minha irmã e eu vivemos com a minha mãe. Ela trabalhava muito. Fazia muitas coisas, não só por nós, mas para os outros também. Preocupava-se com todas as pessoas, qualquer que fosse a situação em que ela estivesse. Quanto a nós, os filhos, gostava tanto de nós e fazia tudo por nós, lavava a nossa roupa, dava-nos de comer, trabalhava para nós.

Depois, a mãe adoeceu. Ficou muito enfraquecida, mas não disse a ninguém qual era a doença dela. Ficou sem emprego e implorou ao patrão que desse trabalho à minha irmã em vez dela. Nessa altura, vivíamos em Nairóbi - tínhamos vindo uns anos antes do campo -, mas não podíamos voltar à nossa aldeia, porque não tínhamos nenhuma casa lá. A mãe tinha muito medo de como reagiríamos quando soubéssemos que ela era seropositiva. Um conselheiro da Igreja veio a nossa casa uma manhã e ajudou-a a dar-nos a notícia. A minha irmã desmaiou. A princípio, achei que devia haver algum engano. A notícia foi um choque, mas não havia nada a fazer.

A mãe disse-nos para não nos preocuparmos, que ela ficaria bem, mas a saúde dela deteriorou-se rapidamente. Depois de saber que ela era seropositiva, ainda fiquei a gostar mais dela, porque ela era a minha mãe, independentemente de tudo o resto. Continuou a ser um ser humano: o facto de estar infectada não era o fim de tudo. Mas a minha mãe tinha medo por nós: queria que eu usasse luvas para lhe lavar os pés e não deixava ninguém tocar no copo e no prato que ela usava. Não sei por que motivo ela fez isto a si própria. Continuava com medo de que, se lhe tocássemos, também nós ficaríamos infectados. Quando um de nós adoeceu, ela ficou preocupada se nos teria infectado. Mas na escola, ensinaram-nos sobre o HIV e a SIDA, e sabíamos que uma pessoa não infectava outra assim daquela maneira.

Em 2004, a mãe morreu. Tinha estado doente durante algum tempo. Na manhã em que ela morreu, fui para a escola como de costume. Ela disse-me que tentasse voltar cedo para casa. Chamava sempre por mim quando queria alguma coisa como comida, água, uma massagem, os remédios. Cerca das 10 da manhã, o meu primo que vivia connosco

veio chamar-me à escola: A mãe quer ver-te. Fui a correr, chamei-a, mas ela não respondeu. Peguei na mão dela e ela morreu. Foi tão doloroso e ainda é, até hoje, quando me lembro. A Igreja ajudou-nos - a 100% - com as despesas do funeral.

Depois do enterro da mãe, continuei na escola, mas era difícil, porque eu estava sempre a pensar nela. Isto perturbava-me tanto que estive quase a desistir dos estudos. Era bom aluno, mas fiquei mesmo para trás. Os professores ficaram admirados, porque passei de 5 e 4 para 2 e 1. Quando lhes contei o que se passava, enviaram-me para aconselhamento, o que me ajudou. Outro obstáculo que enfrentei foi o facto de já ninguém me pagar as propinas. *É o fim para mim*, pensei eu. Felizmente, um antigo patrão da minha mãe, um padre, decidiu apoiar os meus estudos secundários, o que fez até ser transferido. Depois procurei por trabalho para pagar os estudos.

As coisas foram mesmo muito difíceis para a minha família. Os meus irmãos começaram a brigar entre si. Como eu estava quase em época de exames, não podia estudar em casa por causa do barulho, e acabei por mudar de casa. Só tinha um cobertor, um colchão, os meus livros e nada mais. Não tinha dinheiro nenhum. Apesar de ser muito difícil, comecei a trabalhar de noite como vigilante e, durante o dia, ia às aulas. Mais tarde, encontrei trabalho como jardineiro aos fins-de-semana, para ganhar o bastante para comer e para a renda e para acabar os meus estudos, o que consegui fazer.

A SIDA afectou-nos muito! Pergunto a mim mesmo, *como seria a vida se a mãe ainda estivesse viva?* Seria certamente muito melhor. Mas Deus deu-nos força para viver e conseguimos sobreviver. A minha família agora está bem, e a viver de forma positiva. Somos muito amigos e somos unidos. Tenho a certeza de que a minha mãe está a rezar por nós, como prometeu fazer, porque vejo os passos que demos desde que ela morreu, e todos aprendemos a ser auto-suficientes, que era o que ela queria. A minha irmã casou bem, tem um emprego bom e está muito feliz. O meu irmão mais velho também arranjou um emprego digno e tenciona casar-se, e o meu irmão mais novo também.

Quanto a mim, sou professor. Estou a esforçar-me muito na luta contra a SIDA, procurando chegar não apenas aos que têm HIV - vejo sempre neles a minha mãe - mas combatendo a doença propriamente dita, alertando os outros para os perigos. Ouvi já tantos jovens contando experiências dolorosas como a minha, e tenciono publicar um livro com esses relatos. Não podemos salvar o mundo. Mas se, depois de lerem as nossas histórias, algumas pessoas mudarem, ficaremos muito orgulhosos.

Michael Czerny SJ, Redactor e Director
Danielle Vella, Conselheira de redacção
Eric Simiyu Wanyonyi SJ e Marcel Uwineza SJ, Redactores Associados